

ENTREVISTA DO PROFESSOR WASHINGTON ALBINO CONCEDIDA AO PROGRAMA “MEMÓRIA E PODER”, EM JULHO DE 2008¹

INTERVIEW GRANTED BY PROFESSOR WASHINGTON ALBINO TO THE TELEVISION BROADCAST “MEMÓRIA E PODER”, ON JULY, 2008

1. WASHINGTON PELUSO ALBINO DE SOUZA

Eu nasci em Ubá, em 1917. Meu pai era fazendeiro e minha mãe naturalmente que fazendeira em decorrência. Então eu fui criado em Ubá até os 15 anos. Com 15 anos eu vim embora para Belo Horizonte, porque eu tinha um tio que era advogado e tinha estudado em Belo Horizonte, Domingos Peluso. Era advogado em Ubá e achou que eu deveria vir pr’aqui. Na verdade os moços todos iam p’ro Rio. E fiz aqui concurso pra entrada na Faculdade de Direito e tirei o primeiro lugar no vestibular. Aí eu já fiquei bem conhecido dentro da Escola. Era um menino de 15 anos de idade com o primeiro lugar. Então eu já fiz uma entrada meio triunfal na Escola. Foi bom porque me abriu o caminho na Escola, tudo direitinho, os professores me trataram muito bem. Belo Horizonte era uma cidade pequena, em que o vestibular ainda era um acontecimento. É engraçado isso. Era um acontecimento. O que acontecia na Faculdade repercutia na vida cultural belo-horizontina. Então quem entrasse bem na Faculdade de Direito, logo tinha o reconhecimento de todo mundo. Todo

1 Entrevista concedida pelo Professor Washington Peluso Albino de Souza ao Programa “Memória e Poder”, da TV Assembleia, vinculada à Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, no dia 26 de julho de 2008. Ressalte-se que o programa editado e levado ao ar cortou as perguntas feitas pelo entrevistador, de forma que se fez um monólogo do entrevistado, que apenas ficou dividido em temas, integralmente reproduzidos na presente transcrição, realizada pelo assistente editorial da Revista da Faculdade de Direito da UFMG, Marco Amaral Mendonça.

mundo admirava. E era assim que a gente fazia, com 15 anos de idade, conhecendo uma cidade pequena, que devia ter 300 mil habitantes, mais ou menos, naquela época, se tanto.

Então eu morava n'uma pensão. Um tio meu veio me trazer aqui e me levou a uma pensão. Depois eu passei pra república, depois eu virei estudante mesmo e não teve dúvida não. Eu era um estudante estudioso, no início. Depois eu fui me politizando dentro da faculdade. Havia um professor, por exemplo, Magalhães Drummond. Ele era professor de direito penal e ele examinava. Era um professor muito inteligente e tinha muita relação com o aluno. Então eu firmei muita relação com esse professor.

2. 1937 – 1945: O ESTADO NOVO

Bom, eu era jovem, mas estudante de direito, e a Constituição de 34 foi uma Constituição até boa. O Brasil voltou pr'o constitucionalismo e ela foi uma Constituição bem boa. Depois é que foi desfeita e aí veio o problema de 37, aquela conversa toda, que acabou com aquilo. A de 34 foi uma boa Constituição, não tenho dúvida. Democrática, livremente estabelecida, com todas as Constituições, uma boa Constituição. Em 37, o Brasil passou por esse golpe, a Constituição de 37 já é dessa época e nós entramos n'uma fase de ditadura e começamos a lutar contra a ditadura, na medida do possível, porque a ditadura era muito violenta. A subversão não tem descrição! Era assim: boca-a-boca, discussão mais ou menos secreta, sobretudo no meio estudantil. O meio estudantil é que tinha realmente a efervescência da reação. E daí as perseguições. Havia aqui certos delegados, que perseguiam muito os estudantes. Mas nós tínhamos um diretor, o Lincoln Prates, que salvava os estudantes. Prendia um, ele ia lá buscar. E a gente já sabia né. Qualquer coisa, fala com o Lincoln. O Lincoln vai buscar a gente. Havia um colega nortista, José Gomes da Silva. Esse moço foi preso.

Foi preso, ficou preso. Era difícil pra nós até visitá-lo. Depois se falou que ele talvez não fosse, essa conversa que surge. Mas ele foi preso e ele era realmente de esquerda e tinha consciência disso. O Partido Comunista sempre atuou nesse meio sem aparecer. O sujeito não era do Partido, ele era de esquerda, entendeu? Alguns, que eram do partido, a gente nem sabia, porque ele era discreto, ele escondia. Então nós outros de esquerda, que não éramos do partido, nós atuávamos de acordo com o partido, sem ter ligação com ele. Nós éramos de esquerda, esse era o problema. Então quando começaram a prender, começaram a prender como sendo do partido. Eu nunca fui de me filiar, porque uma vez que eu me filiei eu me dei mal. Entrei e saí. O partido era isso, ele tirava a liberdade do indivíduo. Pra mim não servia, de forma nenhuma. Mas era assim mesmo, tinha que ser rígido, ele era um partido. Eu é que não aguentei aquilo, não aquento isso.

3. GETÚLIO VARGAS

Eu não só tive visões diferentes, como Vargas teve atitudes diferentes. Inteiramente diferentes. Há um Vargas perseguidor, não tenho dúvida, reacionário. E há um Vargas aberto, com grandes conquistas do Brasil. Como Vargas durou muito tempo no governo, durou 15 anos, aconteceram muitas coisas e ele tinha uma capacidade de se amoldar. Não tenho dúvida, ele se amoldava, e por isso ele pode permanecer. Ele criou, criou legislação trabalhista, criou coisas sérias que não podem ser negadas, mas ao mesmo tempo ele perseguia. A UDN é um problema que merece uma análise maior, porque a UDN tinha um verdadeiro, não digo fanatismo, mas uma luta sistemática contra o governo. Era sistemática. Era governo? Então era contra o governo, acabou! Não tinha escolha, daí essa posição apaixonada da UDN. Ela era contra o Vargas e tava acabado. Os grandes problemas do Brasil não chegavam a ser bem discutidos. O problema era: a favor de Vargas ou contra Vargas. E os

grandes problemas do Brasil continuavam. E o Vargas, naquela adaptabilidade dele, naquela adaptabilidade ele ia ficando, ele ia atendendo a uns problemas e não atendendo a outros. A UDN era sistemática contra ele. Foi uma força importantíssima, não tenha dúvida, pregando união democrática nacional, pregando realmente democracia, mas o Vargas ia fazendo o que queria. O Vargas era um homem de uma valentia pessoal inegável. Valentia pessoal mesmo. Não tenho dúvida. Certa vez invadiram o Palácio e ele foi defender. Com ele não tinha conversa, mas a situação de tal maneira se tornou pra ele crítica. Crítica de verdade, difícil e ele, um homem valente, não achou outra solução senão suicidar. Quando ele percebeu que o que o cercava não era como ele, que havia bandalheira, havia filho metido naquilo, havia filha metida naquilo, havia aquele capanga dele, o Gregório metido naquilo, ele falou, comigo acabou. Ele era honesto e valente.

4. ATIVIDADES COMO JORNALISTA

Havia um jornalista aqui, até bem reacionário, mas muito meu amigo, Luís de Bessa, que abriu a porta pra mim. Eu falei, ô Bessa no interior o negócio não tá bom não, não to gostando daqui. Ele falou: - então vem embora, bobagem, trabalha aí comigo! Então eu voltei. Na época já era “Folha de Minas”. Eu tinha trabalhado antes nos Associados, mas essa é outra parte. O “Diário da Tarde” era um vespertino que, em relação ao “Estado de Minas”, ele era como “o menino de mal comportamento”. O “Estado de Minas” vinha e dava uma notícia e o “Diário da Tarde” vinha e ãh! Cê tá entendendo? Era o grande jornal popular da tarde. Na “Folha de Minas” eu trabalhava com o Bessa, então não havia problema. Era natural, redigia artigos, alguma reportagem e era aquele jornalismo morno né... Mas eu tinha um plano que era esse plano da Faculdade de Direito. Toda a vida eu tive esse plano. Eu tinha vontade de voltar à Faculdade de Direito e ser professor da Faculdade de Direito. Agora, havia

mil empecilhos. Muita política, muita impossibilidade, muita barreira, muita mesmo. Eu procurava lutar contra aquilo, mas era difícil pra mim, que não tinha padrinho, que não tinha político comigo. Eu fui entrar, entrou um outro, a cátedra foi dada pro outro, e o outro foi embora. Não quero referência a isso, mas a Escola me absorveu. A Escola absorveu a mim. Desde o dia do concurso até hoje, aposentado, a Escola absorveu a mim! Mas o concurso foi dado a outro! Bandalheira mesmo, não tenho dúvida!

O “Diário do Comércio” é uma história muito bonita e muito interessante. É uma história muito bonita, porque ela começa em mimeógrafo. Sabe o que é mimeógrafo? Eles dizem que guardam lá até hoje os mimeógrafos eles. E o José Costa, que era o dono daquilo, era amigo de um amigo meu, do Lincoln, Lincoln S. Gomes. Aquilo chamava informador comercial. Por que informador? Porque a Central do Brasil, na época, trazia tudo o que vinha despachado pr’o comércio em Belo Horizonte. Isso ficava jogado lá na Estação. Então o José Costa resolveu fazer um informador comercial. Ele informava e o sujeito vinha buscar. Eu não sabia de nada disso. Um dia o Lincoln, meu amigo e amigo dele, falou comigo: - O Washington, cê pode escrever um “suelto”? Um estraguinho? Cê pode escrever um ou dois sueltos por dia, pro informador comercial. Eu falei: - Por quê? Eu era jornalista, eu escrevia. Acabou. Quer? Tô escrevendo e deixa pra lá! Ele falou: - É que aquele negócio só dá a notícia do que chega e ele quer fazer um jornalismozinho lá. Eu falei: - Eu faço, não tem problema, uma noticiazinha, de economia, disso, daquilo, daquilo outro, tarará, tarará...

Aí o José Costa resolveu sair. Eu falei: - O José Costa, cê tá com esse mimeógrafozinho aí, isso não vale nada não! Pega uma impressora! Ele falou: - Mas como? Eu falei: - Pega uma “marinone” velha dessas aí! Uma “marinone” de todo tamanho, que eles vendem barato. Põe isso no coisa. Comprou! Comprou e nós começamos a fazer o jornal na “marinone”, aquele “blarará, blarará, blaraá...” E foi sendo feito né, o jornalzinho. Aí, ele

foi desenvolvendo, desenvolvendo, desenvolvendo, até que de “Informador Comercial” recentemente ele passou a “Diário do Comércio”. Ele desenvolveu o jornal, fez esse jornal que está aí. Eu fui realmente peça fundamental na época inicial e depois disso eles desenvolveram e eu não tive mais nada.

5. 1947 – 1953: O PETRÓLEO É NOSSO

Eu era consultor da Associação Comercial, do Departamento de Economia. Então lá é que eu desenvolvi os estudos de economia. E eu dinamizei aquilo, por que aquilo é mais ou menos tranquilo e a Associação começou a fazer grandes representações no Brasil, convênios com outras associações, nós fomos pro Rio discutir tudo isso. Então eu comecei a dinamizar bem aquilo mesmo e dar uma concentração do assunto em dimensões maiores. Nós tínhamos ou nós não tínhamos petróleo? Chegamos à conclusão de que nós tínhamos petróleo, mas tínhamos que tirar o petróleo! E nós estávamos na mão dos grandes trustes internacionais. Então o problema era um problema de libertação nacional, daí “O petróleo é nosso”. Agora até hoje, pra nós tirarmos o petróleo, você sabe que nós ainda estamos encontrando dificuldades. Mas nós dizíamos que tínhamos o petróleo e que tínhamos que tirar o petróleo. Então era uma campanha de pretensões. Osório da Rocha Diniz, um sujeito formidável, José Costa, do Observador, e a Associação Comercial, que embora sendo uma entidade patronal, abraçou a causa do O petróleo é nosso. Então ela ficou contra todas. Houve reuniões no Rio, na época, em que nós varávamos a noite defendendo a posição da Associação Comercial, uma entidade patronal, pelo Petróleo é nosso, contra as Associações do Brasil inteiro, que eram entreguistas. Em consequência que nós tivemos uma posição nacionalista o tempo todo, garantindo contra uma posição entreguista das outras entidades. E isso era importante, porque se trata de uma entidade de classe conservadora, e ela tinha adotado uma atitude

revolucionária conosco.

6. 1949 – 1950: CHEFE DE GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DO INTERIOR DO GOVERNO MILTON CAMPOS

O Domingos Peluso foi nomeado Secretário do Interior, então ele me levou como chefe de gabinete. Eu não queria, porque eu não queria participação em governo de jeito nenhum, mas ele, Secretário do Interior, e não tinha relações aqui nem nada, então ele me nomeou. Mas tinha lá um Gabriel, que era o burocrata tradicional, que levava despacho, levava tudo, aquele negócio todo, e eu apenas era chefe de gabinete.

7. 1951 – 1953: SECRETÁRIO DA FAZENDA DE BELO HORIZONTE (GESTÃO DE AMÉRICO GIANNETTI)

O Giannetti foi eleito, ele foi um prefeito eleito. E eu vinha com o Giannetti desde a Secretaria de Agricultura, que era Secretaria de Agricultura, Comércio e Indústria. Eu vinha com ele, então ele me trouxe. E me entregou a Fazenda da Prefeitura. E eu fiquei na fazenda, desenvolvendo as coisas todas, etc, etc. Mas chegou um ponto, em que houve uma injunção política. Eu tava cuidando da dívida ativa e mandei levantar todos os documentos de dívida ativa. Eram pilhas e pilhas. Então, eu cheguei lá um dia, ele me chamou no gabinete e me falou, discretamente, porque ele me respeitava, que precisava trabalhar aquilo com um certo cuidado. Então eu me demiti. Pronto. Simples, né?

Minha vida, toda a vida foi Plano, não tem nada de individual. Fazia o Plano, tinha que seguir o Plano! Acabou! Se a pessoa a quem eu estava ligado, aceitava o Plano, muito bem, se não aceitava o Plano, eu me desligava.

8. JUSCELINO KUBITSCHKEK: O PLANO DE METAS

Em primeiro lugar, eu fazia pessoalmente uma crítica, porque um plano de metas? Plano nada mais é que uma reunião de metas! Não tinha sentido! Mas de qualquer maneira, era o Roberto de Oliveira Campos que fazia. E o Roberto era cotado federalmente, tradicionalmente ele é que dava apoio aos Presidentes da República. E o mineiro saía daqui, e nós, mineiros, pra ele, continuávamos mineiros. Quando eles passavam pra lá, passavam para o Roberto de Oliveira Campos. Nós éramos desprezados, esquecidos, nós éramos mineiros. Então era essa a questão. Quando ele fez o plano de metas, todo plano é de metas! Não tem plano que não seja de metas! Então havia uma redundância na expressão. Mas ele é que falava, então era quem falava. Então ficamos nós. Esse negócio é muito importante, muito mais importante do que parece. Para o provinciano político e do governo, Minas é Minas e continua Minas. Quando ele ia pro federal, ele nos esquecia, ele aderiu ao federal, e ficava naquele negócio lá. Então nós continuávamos aqui, esquecidos, porque o mineiro tem disso, ele esquece o mineiro, ele adere. Esse é um mal de Minas Gerais que eu sempre indiquei. Acho que todo mineiro que foi pro plano federal esqueceu de Minas. Nós fomos desprestigiados e ele pegou aquilo que foi feito pelo Roberto de Oliveira Campos. Então passou aquilo o grande plano do Brasil. Só isso.

Eu acho que o Brasil era realmente um país fechado pelo seguinte motivo: ele não tinha sido ainda descoberto pelo estrangeiro. Ele não se impôs ao estrangeiro. O estrangeiro é que veio cá. E nesse caso, o estrangeiro pegou tudo o que lhe interessava e com isso nós dizemos que o Brasil abriu. Mas ele abriu, não tenho a menor dúvida. Abriu e, com essa abertura brasileira, nós sabemos que ela existe, a economia brasileira mudou muito. Mudou de verdade, mas daí a transformar o Brasil já num país desenvolvido é meio forçado, porque o Brasil ainda

não é um país desenvolvido. De verdade, não! Ele tem muito o que conquistar ainda.

9. 1961: DELEGADO DO BRASIL JUNTO AO *GENERAL AGREEMENT OF TARIFFS AND TRADE* EM GENEBRA

Eu fui indicado por um governo, foi Magalhães Pinto. Naquela época houve um negócio muito desagradável: eu fui indicado e fui embora. E havia um interesse do governo aqui, que no meu cargo aqui, eu impedia. Eu percebi depois. Eu já tava lá quando eu percebi o negócio aqui. Era fábrica de automóvel, essa conversa toda. De certo meio, eu não era empecilho a progresso nenhum. Mas eu punha determinadas condições pro progresso, e não soluções pessoais. Há uma coincidência, às vezes, do progresso com a condição pessoal. Então eu fui embora. Fui embora e cheguei lá, em Genebra. Lá em Genebra aconteceu um negócio muito engraçado. Os países da África tavam sendo, de certa maneira discriminados. Sendo discriminados, eu não tive dúvida: eu passei pra bancada dos africanos, lutei com eles e foi um escândalo no Brasil, por que ahh, porque pê pê pê pê... Eu falei ah, deixei de saber, não quero amolação. Ah, meteram o pau, o representante do Brasil não sei o quê, não sei o quê... Não to ligando pra isso não. Qualquer atitude que cê toma assim vira um escândalo no Brasil! É um país pequetito nas suas pretensões internacionais!

Desde que eles fossem realmente os representantes, que fossem realmente representantes! Nacionalistas, desinteressados de questões pessoais, mas não é assim que indica o brasileiro. O brasileiro, ele tá dessa maneira, interesse pessoal, essa coisa toda!

10. A DITADURA MILITAR

Na Escola eu encontrei o meu caminho. O que eu queria era isso. tava fazendo isso. E os alunos toda a vida me

prestigiaram demais. Toda a vida o aluno me prestigiou mesmo, como ele me prestigiou, eu me tornei necessário na Escola. Então toda aquela “politicalha” que gerava e que existe, diante da posição do aluno, ela caía!

É, 64 foi um retardamento da vida política brasileira. A política brasileira é toda assim, ela não tem muita consistência. Então um golpe desse pode vir de uma hora pra outra. Não tem muita consistência, o político brasileiro não tem uma ideologia. Ele é poder pelo poder, só isso. Então pelo poder ele dá o golpe que for. Essa é a minha idéia sobre política brasileira. Achei um absurdo, mas foi a verdade do Brasil, não é? Essa renovação, eles alegavam isso, a revolução se renova por novos atos. Então cada Ato Institucional era um Ato n°. 1 para começar a trazer a revolução. Era a idéia da revolução. Os professores da Faculdade de Direito têm orientações diferentes. Muitos são pelo golpe. Não tenho a menor dúvida. Acham que é e é isso e pronto. Outros acham que não. Eu sempre aquei que não. Mas eu não tinha essa voz ainda na Faculdade de Direito. O AI5 foi um ato violento que, diante dele, quê que cê ia fazer? Nada! Nada! Nada! É a instituição da revolução, chamada revolução, permanente. AI5 é isso. Então Costa e Silva é que fez, mandou e tá acabado. É violento, é violento. Tudo isso que cê tá me perguntando é violento demais! Porque o Brasil viveu essa vida violenta e difícil, realmente, não tenho dúvida.

11. O MILAGRE ECONÔMICO

Milagre econômico não existe. Em economia não se admite milagre. O milagre é aquilo que é impossível de acontecer, e que acontece. Em economia não há isso. Tem que acontecer, acontece. Não tem que acontecer, não acontece. Ocê planeja, leva e tal, negócio de milagre econômico.... Então, tudo aquilo que falou de milagre econômico eu me insurji, porque eu não admiti milagre em economia. Quando você impõe uma atividade econômica como preliminar, você garante o progresso material,

mas você sacrifica uma liberdade pessoal, não é assim? Então foi o que aconteceu. Esses regimes militares garantiram, não tenho dúvida, um progresso material, ninguém pode negar, mas as liberdades pessoais foram sacrificadas. Houve o planejamento. Não vamos negar. Não tinha planejamento, passou a haver planejamento. Há planos feitos na época que são muito bem feitos, são de inspiração francesa. Tanto que depois eu fui pra França justamente pra ver lá como se fazia o planejamento francês. Estive na França mais de uma vez, mas sobretudo uma, com a finalidade de observar o planejamento francês. O planejamento aqui obedecia mais ou menos o planejamento francês. Apenas acontece o seguinte, com determinados detalhes. Quando o plano dizia alguma coisa que era pra ser imediatamente resolvido ou não, ele dava aquilo como possibilidade, ao passo que na França já dava como realidade. Então muita coisa aqui foi promessa possível, mas não obrigatoriamente seguida. Era uma promessa que se fazia, uma probabilidade, vamos lá, mas faz se for possível. Com isso imitava-se o plano francês, mas não se imitava totalmente o plano francês. Então o planejamento aqui foi inspirado no planejamento francês porque era o país capitalista que estava planejando. Não se planejava no capitalismo. O capitalismo é economia de mercado. Não é concorrência livre. O planejamento foi uma introdução no capitalismo e foi uma introdução também nossa, porem com essa diferença. Houve um planejamento no Brasil, mas um planejamento pra uma economia de mercado. Ficou esse negócio aí ó: um planejamento que vai até um certo ponto, de um certo ponto em diante é a economia de mercado é que predomina.

Para todos os Governos de Minas, quando eu fui chamado a participar, eu só fui para planejar. Eu achei que era para planejar. Pra todos eles! Eu fiz o plano, e eles não seguiam! Não seguem o plano, são individualistas! Então eu fiz o plano da maneira mais carinhosa possível, entreguei o plano, mas eles fizeram administração personalista. Política pessoal, interesse pessoal é o que mata Minas Gerais.

12. 1972: A INTRODUÇÃO DA DISCIPLINA DE DIREITO ECONÔMICO

Eu tava cuidando justamente de direito econômico. Aí eu tava mexendo com direito e com economia. Eu tive a oportunidade de participar da elaboração do programa de ensino da faculdade. Então aí eu introduzi o direito econômico. Não existia em lugar nenhum, agora que existe. Então eu apresentei a proposta, como o programa. E o programa é o nosso. Quando nós adotamos, a Faculdade de São Paulo também resolveu adotar. E a Usp é a Usp, né! Então ela resolveu adotar, adotou, e ficou o direito econômico lá. Daí por diante, outras escolas passaram a adotar na pós-graduação. Algumas têm, outras não têm. Mas as grandes escolas do Brasil têm. É isso que importava pra nós. Você pega atividade econômica, você estuda naturalmente produzir, consumir, comercializar e tal. Você pega a atividade econômica e traz pr'o Direito, põe norma jurídica nela. Você põe norma jurídica nela, toda aquela atividade que no liberalismo se dava de qualquer maneira, dá-se agora com a norma jurídica. As faculdades de direito davam aulas de economia, apenas economia. Economia, terêê, terêê.... Com o direito econômico, nós estamos justificando realmente economia dentro da faculdade de direito, coisa que não acontecia e não acontece em muitas ainda. Na ciência econômica, você estuda produção, circulação, repartição e consumo. É a atividade econômica natural. Quando você põe isso dentro do direito, você tem o direito da produção, agora cê tem recurso natural, trabalho, já trazidos pra dentro do direito. Aí ocê pega circulação, ocê tem mercado, mercado terêê, terêê.... Agora você tem o preço estabelecido juridicamente. Depois você tem o consumo. Mesma coisa, você tem proteção ao consumo, legislação ao consumo tá aí e tal e tal... As faculdades de direito estudavam economia sem saber o porquê, mas estudavam, mas não davam conotação jurídica, não transformavam aquilo em norma jurídica. E com a nossa introdução, eles estudam hoje a

norma jurídica da produção, a norma jurídica. É isso que está aí. Juridicizar. Juridicizar: transformar aquele dado que é econômico em norma jurídica. Não é verdade? É isso! Cê trata juridicamente. Cê vira pra mim e fala: produção, recurso natural, trabalho, terêê, terêê... Você juridiciza isso, cê traz isso pra dentro do campo do direito, que é o que interessa na faculdade de direito.

13. 1986 – 1990: DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Representou muito, muito mesmo. Em primeiro lugar porque eu sempre tive a Faculdade de Direito no seu compromisso social, político e econômico. Então ela na minha mão, ela podia cumprir isso, sem violentar, sem brigar, sem coisa nenhuma. Bastava estar na minha mão pra já se saber que ela tinha uma posição determinada. Em segundo lugar, porque os alunos sempre mereceram de mim uma distinção muito grande e eu na diretoria da Faculdade procurei valorizar o aluno, valorizar mesmo. Ouvir o aluno, fazer seminário com o aluno e introduzi, inclusive, aquele tipo de diretoria ligada com o aluno. Introduzi isso, não tenho a menor dúvida e valorizei ao máximo o aluno. Achei isso muito importante pra Faculdade.

14. REALIDADE BRASILEIRA E PLANEJAMENTO

O Brasil tem uma grande potencialidade, não tenho dúvida. Mas como eu sou pelo planejamento, eu acho que essa potencialidade tem que ser jogada dentro do planejamento, porque da maneira que é, entra um governo, muda a orientação, o outro abandona a orientação. Eu acho que não adianta. Então é preciso não só planejar, como haver continuidade administrativa. E um plano segue outro plano e outro plano segue outro plano. Isso não acontece no Brasil. Um presidente é eleito, resolve falar que o problema é petróleo, depois não é mais, é outra coisa. E,

resultado: não tem uma continuidade para a vida econômica e política brasileira. Eu acho que o Brasil precisa de planejamento, mas não é plano do fulano, nem do beltrano nem do cicrano. Não é do Sr. Roberto de Oliveira Campos, que acha que o plano é uma coisa, Sr. Fulano acha que o plano é outra, eu acho que o plano é outra. Nada disso não! É plano, planejamento! Tem uma técnica própria, ninguém é dono dela. É um levantamento de necessidades, uma apresentação de soluções. Isso é que é plano, uma racionalização do tratamento das necessidades nacionais. Ainda tem muita miséria no Brasil, muito desemprego no Brasil. Não é verdade? Um país que é um continente! Se houvesse planejamento direitinho, se cumprisse o plano, você chegava no plano até esse ponto ínfimo da sociedade, pra atender esse povo! Um planejamento pegava essa criança abandonada e amparava essa criança, porque ela estaria envolvida no plano. O que é que ela tem? Fome? O pai é desempregado? Então vamos planejar emprego, vamos planejar alimentação! Falta planejamento!